

## A INFORMATIVIDADE COMO ELEMENTO DE TEXTUALIDADE

Leonor Lopes Fávero  
Pós-Graduação em Língua  
Portuguesa da PUCSP

1. Beaugrande & Dressler (1981) conceituam texto como uma ocorrência comunicativa, apresentando sete critérios de textualidade: os centrados no texto — coesão e coerência, aos quais acrescentamos os fatores de contextualização, já abordados por nós em trabalhos anteriores (Fávero, 1984) — e os centrados no usuário — informatividade, situacionalidade, intertextualidade, aceitabilidade e intencionalidade.

Este trabalho tem por objetivo proceder ao exame da informatividade, segundo proposta desses autores.

O termo **informatividade** designa em que medida os materiais lingüísticos apresentados no texto são esperados/não esperados, conhecidos/não conhecidos da parte dos receptores. A informatividade exerce um importante controle na seleção e arranjo de alternativas no texto.

Todo texto contém pelo menos alguma informatividade; não importa quão previsíveis possam ser a forma e o conteúdo; haverá sempre algumas ocorrências que não poderão ser inteiramente previstas.

Se tomarmos, por exemplo, o verbete **água** numa enciclopédia:

(1) A água é a substância mais comum na Terra.

— vemos que o fato afirmado é tão comum que parece não haver necessidade de dizê-lo. O texto é claramente coesivo e coerente, porém marginal, porque bastante desinformativo.

Continuando a leitura, todavia, observamos que a asserção em (1) é um ponto de partida para algo mais informativo e pouco esperado; assim, a informatividade do texto está bastante aumentada:

(2) A água não é apenas a substância mais comum na Terra, mas também, uma das mais singulares. Nenhuma outra substância pode fazer tudo o que a água é capaz de realizar. A água compõe-se de pequenas partículas chamadas moléculas. Uma gota de água contém muitos milhões de moléculas. Cada molécula, por sua vez, consiste de partículas menores ainda, chamadas átomos. As moléculas de água são compostas de átomos de hidrogênio e de oxigênio.

Até a mais pura das águas contém outras substâncias além dos simples hidrogênio e oxigênio. Por exemplo, a água contém porções ínfimas de deutério, um átomo de hidrogênio que pesa mais do que o átomo ordinário de hidrogênio.

Pode-se distinguir três ordens de informatividade, cada uma de tal modo suficiente que o usuário é capaz de distingui-las no processo de comunicação:

- a) Primeira ordem de informatividade — no grau mais alto da escala de probabilidades;
- b) Segunda ordem de informatividade — no grau mais baixo da escala de probabilidades;
- c) Terceira ordem de informatividade — quando aparentemente fora do conjunto.

#### Primeira ordem de informatividade

Uma ocorrência com o mais alto grau na escala de probabilidade constitui a primeira ordem de informatividade.

Por exemplo:

- (1) A água é a substância mais comum na Terra.

Beaugrande & Dressler citam, como exemplo, o sinal de trânsito PARE: totalmente previsível em coesão, coerência e planejamento; a situação de ocorrência é comumente óbvia; há uma única forma, cor, reconhecíveis a distância considerável; essa máxima previsibilidade tem a finalidade de deixar a atenção dos motoristas para as condições de tráfego.

As ocorrências da primeira ordem de informação estão sempre presentes em qualquer texto, mesmo que não estejam presentes as ordens mais altas, e são chamadas de **triviais** por estarem tão bem integradas no texto que recebem pouca atenção. Atenção é aqui entendida como o dispêndio de recursos de processamento que restringe o potencial para outras tarefas simultâneas.

As chamadas palavras funcionais (artigos, preposições e conjunções) seriam, segundo eles, antes sinais de relação do

que de conteúdo e, usualmente, tão triviais que, ainda que frequentes no mesmo texto, são escassamente notadas, e, muitas vezes, pronunciadas tão indistintamente que dificilmente são identificadas fora do contexto.

Segundo Clark & Clark (1977), estas palavras seriam selecionadas, durante a produção do texto, somente após as palavras de conteúdo, e textos que requerem economia como telegrafemas, sinais de trânsito, dispensam-nas muitas vezes. A afasia, observam Beaugrande & Dressler, pode levar suas vítimas a omiti-las na fala.

As palavras de conteúdo seriam geralmente mais informativas. A escolha seria maior, elas atuariam mais extensos e diversos materiais cognitivos e poderiam produzir mais emoções e imagens mentais do que as funcionais.

Contudo, dizem eles, o produtor pode alternar ou inverter os papéis dos tipos de palavras, podendo ocorrer, por exemplo, palavras funcionais em seqüências pouco comuns.

Permitimo-nos aqui neste ponto discordar dos dois autores, sem entrar na discussão sobre a velha dicotomia entre palavras de conteúdo e palavras funcionais.

As palavras funcionais não são simplesmente sinais de relação, já que os artigos, por exemplo, permitem a antevisão da informação ou mesmo a recuperação dela. Criam expectativas e dependências e permitem a coesão interna micro-estrutural do texto.

Os operadores argumentativos, por sua vez, são, não só responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, mas também os que determinam o valor argumentativo destes mesmos enunciados, constituindo-se em marcas lingüísticas importantes.

#### Segunda ordem de informatividade

Os procedimentos-padrão aplicados às ocorrências de primeira ordem na comunicação seriam **omissões** ("defaults" — operações ou seleções a serem determinadas na ausência de indicadores contrários) e **preferências** ("preferences" — operações ou seleções rotineiramente favorecidas, entre várias ocorrências). Estes procedimentos minimizam o custo de processamento e a atenção é então reservada para uma ordem mais alta de informatividade — a segunda, que contém ocorrências de grau mais baixo de probabilidade e cuja presença é exigida pelo padrão normal de comunicação, já que textos inteiramente

te na primeira ordem são, segundo Beaugrande & Dressler, extremamente desinteressantes.

### Terceira ordem de informatividade

Compreende as ocorrências que, à primeira vista, parecem estar fora do conjunto das mais ou menos prováveis ocorrências: são comparativamente infreqüentes, requerem muita atenção e recursos de processamento, mas, por outro lado, são mais interessantes. "O interesse, afirmam eles, não deve ser decidido unicamente pela improbabilidade; devemos também considerar fatores, tais como o potencial inerente para causar forte impacto sobre a percepção sensorial humana, isto é, PROJEÇÃO, e a importância de uma ocorrência para os objetivos pessoais do receptor" (p. 161, nota 5).

Constituem tipos comuns da terceira ordem de informatividade:

**Descontinuidades** — quando a ocorrência parece apresentar falhas de configuração.

**Discrepâncias** — quando o modelo de texto apresentado não condiz com o conhecimento armazenado. "O receptor precisa ter uma motivação especial para descobrir o que estas ocorrências significam, por que foram escolhidas e como podem ser integradas na **continuidade** que é a base da comunicação" (p. 144).

Estes procedimentos podem, em grande parte, afirmam eles, ser estendidos além da comunicação textual e aplicados ao comportamento humano em geral. Exemplificam dizendo que, como pessoas comuns, ficaríamos espantados em receber, pelo correio, um cheque de uma enorme soma; rememoraríamos se compráramos um bilhete de loteria ou algo semelhante (**rebaixamento para trás** — "backward downgrading"); poderíamos esperar alguma notificação explicando o fato ("forward downgrading") ou supor um engano e que o dinheiro seria de outra pessoa ("outward downgrading"). Se nada disso explicar o evento, simplesmente não teríamos condições de fazê-lo. É o **absurdo** ("senseless" ou "nonsense") que resulta da falta de continuidade entre uma ocorrência e nosso conhecimento e que é difícil de tolerar. O grau da terceira ordem de informatividade dependeria, continuam eles, da **intensidade da ligação** ("strength of linkage") afetada. Uma ocorrência que infringe um conhecimento **determinado** é mais desorientadora do que uma que infringe um conhecimento **típico**; e uma violação deste último, mais desorientadora do que a de um conhecimento **accidental**.

Retomando o exemplo (2), verifica-se que o emissor poderia ter dito:

(3) A água não é hidrogênio e oxigênio. Ela contém outras substâncias, por exemplo, porções ínfimas de deutério.

Ele poderia ter escolhido imediatamente este caminho e então o receptor encontraria imediatamente uma ocorrência de terceira ordem que seria facilmente integrada por um **rebaixamento para diante** ("forward downgrading"). De qualquer modo, em ambos os casos, a abertura do texto cria um instável estado de informatividade que é presumivelmente desconfortável para o receptor.

Beaugrande & Dressler distinguem uma progressão específica de **expectativas humanas** ("Human Expectations"), aplicadas em vários graus durante a comunicação, afirmando que a probabilidade contextual, mesmo neste modelo simples de três escalas de valores, é um complexo amálgama de fatores que passamos a expor.

### 1ª fonte de expectativas — o mundo real e seus fatos

O modelo socialmente dominante da condição humana e do meio ambiente constitui o que se denomina comumente mundo real. **Os fatos** são as proposições julgadas verdadeiras nesse mundo e as **crenças**, os fatos que uma pessoa ou grupo consideram aplicáveis a alguma situação ou evento real ou recuperável. O mundo real é, conseqüentemente, a fonte privilegiada das crenças subjacentes à comunicação textual: podemos produzir e receber muitos textos que não são factuais, porém o mundo real é nosso ponto de orientação: alguns fatos estão tão firmemente arraigados em nossa maneira de pensar que atuam como **omissões** ("defaults") para qualquer mundo textual que possa ser apresentado: que causas têm efeitos; que alguma coisa não pode ser ao mesmo tempo, e sob as mesmas circunstâncias, verdadeira e falsa ou existente e não existente; que objetos têm identidade, massa e peso, e assim por diante.

Para que alguns destes fatos possam ser violados num texto, há necessidade de haver sinais explícitos, inequívocos.

A produção e a recepção de um texto longo em cujo mundo causa e efeito estejam suspensos pode não ser possível, pelo menos em inglês, dizem eles.

Todo conhecimento é usado, continuamente, como uma ponte para anexar conhecimentos posteriores; parece que não

experienciamos o mundo como um bombardeio de estímulos individuais, mas que aplicamos estratégias para perceber e dispor o mundo real, a fim de que a complexidade se torne preponderante.

Além do uso de modelos globais como "frames", esquemas, planos e "scripts", há evidência de **estratégias normais de ordenação** ("normal ordering strategies") para percebermos o mundo (real ou imaginário) e falarmos sobre ele.

Citam, como exemplo, o fato de as pessoas, ao descreverem seus apartamentos, caminharem mentalmente por eles, mencionando cada quarto na ordem em que foi visto: os maiores aparecem descritos freqüentemente por expressões em posição de sujeito, os menores expressos, na maioria das vezes, dentro do predicado. Os objetos móveis tendem a ser mencionados como sujeitos gramaticais mais freqüentemente do que os imóveis, numa mesma cena. Há preferência da ativa sobre a passiva e seqüências de eventos são relatados, comumente na mesma seqüência temporal em que ocorreram.

Todas estas tendências são unicamente **preferências** que podem ser modificadas em contextos apropriados; por exemplo, pode-se narrar acontecimentos fora de sua ordem de ocorrência no tempo, se pistas temporais, juntivos ou modificadores de tempo cronológico forem empregados.

#### **2ª fonte de expectativas — organização da linguagem no texto — as convenções formais**

Numa língua, muitas convenções para o arranjo de formas são arbitrárias e levam os falantes a considerar certas combinações de sons impronunciáveis porque inexistentes.

Falantes do português, por exemplo, não pronunciam certos grupos como Ltda., Pça., Sr. ou Sra., mas os reconhecem, quando escritos, como abreviaturas de formas mais longas, com grupos de sons mais convenientes para eles.

#### **3ª fonte de expectativas — técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade**

Elementos altamente informativos tendem a aparecer no fim da oração e, em contraste, elementos de baixa informatividade tendem a aparecer no começo das orações ou a serem compactados por pró-formas ou omitidos por elipse. Estas técnicas provêem um equilíbrio entre duas tendências opostas: a manu-

tenção de um ponto de orientação bastante claro e da informatividade num nível razoavelmente alto.

Beaugrande & Dressler concluem as observações sobre estas três fontes de expectativas, afirmando que a primeira fonte seria independente da língua, enquanto a segunda e a terceira variariam de língua para língua. Reconhecem ser esse um assunto muito controverso já que, embora a diversidade de convenções nas várias línguas seja incontestável, há pequena concordância sobre se esta diversidade também obrigaria os usuários a organizar o mundo de diferentes maneiras e também se o significado de expressões e o sentido do texto estariam estreitamente ligados à aquisição e ao uso do conhecimento. Nesse caso, eles estariam sujeitos também à influência de fatores sociais e culturais.

Há interação substancial entre as três fontes, embora cada uma exerça efeitos distintos, correspondentes a seus princípios organizacionais, e seria possível isolá-las com exemplos especialmente construídos, apesar de o homem comum não ter motivos para fazê-lo.

#### **4ª fonte de expectativas — tipos de texto**

Os tipos de texto são as estruturas globais que controlam o leque de opções a serem utilizadas. Assim, certos padrões raros de sons ou sintaxe são aceitáveis em textos poéticos mas não em textos científicos que resistem à suspensão de fatos básicos na organização do mundo.

#### **5ª fonte de expectativas — contexto imediato**

Refere-se ao contexto imediato em que o texto ocorre e como é utilizado, já que pode modificar as expectativas delineadas pelas outras quatro. A noção de estilo, afirmam eles, tem sido empregada para refletir a idéia de que um único texto ou série de textos manifesta tendências características de seleção e, conseqüentemente, receptores podem esperar que algumas ocorrências sejam mais dominantes e freqüentes que outras. Textos literários e poéticos delinearão focos especiais e exigirão, assim, de seus produtores considerável cuidado e atenção nos procedimentos de seleção. A informatividade pode ser aumentada pela quebra inesperada de um de seus estilos próprios, o que pode tornar, quando esta tática é usada intensamente, os receptores incapazes de utilizar o texto (Exemplo: "Ulisses" de Joyce, a obra de Kafka).

2. A Informatividade, como mostramos, exerce relevante papel na seleção e arranjo de alternativas no texto, constituindo-se, assim, num importante controle na limitação e motivação do uso dessas alternativas. Essa seleção e arranjo das alternativas no texto estão na dependência direta dos objetivos do emissor, que vai, assim, utilizar determinados elementos lingüísticos para orientar o receptor num determinado sentido. Recorde-se que, entre esses elementos, exercem papel preponderante aqueles que comumente se denomina de palavras funcionais: os artigos e os operadores argumentativos (advérbios, conjuções, preposições).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, Robert de & DRESSLER, Wolfgang V. (1981). *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen, Max Niemeyer.
- CLARK, Herbert & CLARK, Eve (1977). *Language and Psychology*. New York, Harcourt, Brace and Jovanovich.
- FAVERO, Leonor Lopes (1984a). *Fatores de Contextualização e de Coesão na Teoria do Texto*. In: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, *Anais de Seminários do GEL*, Bauru, Faculdade do Sagrado Coração, 1985.
- FAVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villça (1984b). "Critérios de Textualidade". In: *Veredas*, n.º 4, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.